



Independência ou Morte, de Carlos Coimbra:

JONALD

# O FILME HISTÓRICO BRASILEIRO



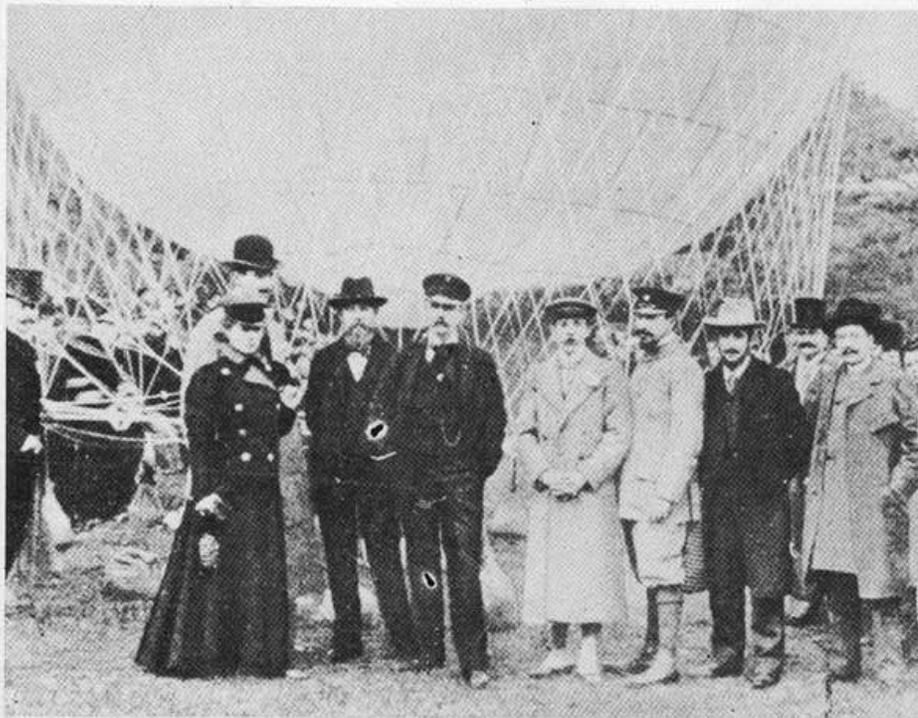
O sucesso de **Independência ou Morte**, a produção de Oswaldo Massaini que bateu nas bilheterias brasileiras **The Godfather** (O Poderoso Chefão), o novo recordista mundial, constituiu um dos dados mais auspiciosos dos últimos anos de cinema brasileiro. "O filme ultrapassou a expectativa quanto à receptividade do público e da crítica", disse-nos Massaini. "Além de abrir um novo caminho, o do filme histórico, **Independência ou Morte** mostrou que o Brasil tem condições de competir com as produções estrangeiras mais ambiciosas."

O produtor de **Independência ou Morte** vê no cinema histórico simultaneamente o ângulo espetacular e o de

divulgação cultural: "Há muitos temas apaixonantes para o nosso público, como as vidas de Caxias e Tiradentes, a Retirada da Laguna, a epopéia dos Bandeirantes — para citar apenas alguns. O Bandeirantismo, que data do século 17, está sendo revivido em pleno século 20, com a construção da Transamazônica, própria da evolução vertiginosa que o País está atravessando". Justamente a saga dos Bandeirantes é o tema da superprodução projetada por Massaini, "O Caçador de Esmeraldas", a ser dirigida também por Carlos Coimbra, com lançamento previsto para 1974. As figuras de Fernão Dias Paes Leme e Borba Gato serão as de maior relevo neste filme que —

afiança o produtor — "vem sendo preparado com extremo cuidado, especialmente no que se refere à pesquisa histórica, a fim de que se obtenha total fidelidade".

Aliás, a produção de **Independência ou Morte** veio ao encontro de uma opinião várias vezes manifestada pelo Ministro da Educação e Cultura, Jarbas Passarinho, em favor do filme histórico. Depois de assistir ao filme, o Ministro manifestou o propósito de levar às escolas, em cópias de 16mm, a produção de Oswaldo Massaini e outras da mesma significação que surjam. Outro grande tema, a história do Correio Aéreo Nacional, constitui projeto do veteraníssimo produtor-diretor Luiz de Barros.



Uma Alegria Selvagem, de Jurandyr Passos Noronha.

Que fatores contribuíram para que **Independência ou Morte** despertasse entusiasmos no público e na crítica? Segundo o crítico do "Jornal do Brasil", "procura-se analisar, ainda que sem mergulhos profundos, todas as circunstâncias principais que marcaram a ascensão de Pedro à Príncipe Regente, o retorno de D. João VI a Portugal, a crescente sintonia de Pedro com os anseios dos brasileiros, os conflitos Lisboa-Rio, a criação do Império brasileiro e o complexo gráfico político que levou à abdicação. A posição do filme assim pode ser definida como de ilustração sucinta de três fases muito distintas da História do Brasil (a primeira, sob o signo de D. João VI, a mais superficial da tela) uma ilustração que cativa pela novidade em termos de abordagem pelo cinema brasileiro e pelo capricho da produção, deixando aberto o caminho para incursões mais concentradas em determinados aspectos do vasto painel proposto por Massaini. Na faixa de tempo que vai da infância de Pedro I até a Abdicação, **Independência ou Morte** se concentra nas contradições da sua personalidade, nas influências recebidas dos liberais e conservadores e principalmente nos problemas criados pela franca natureza das suas relações com a Marquesa de Santos. Desde que não se exija do filme histórico nacional o que não se exige do estrangeiro, isto é, a seriedade do ensaio erudito, a renúncia à pompa e ao romantismo, a fidelidade absoluta a todos os fatos e faces, a produção atinge os seus objetivos e se mostra um dos momentos mais felizes do cinema brasileiro na seara do espetáculo popular".

Para o crítico Fernando Ferreira ("O Globo") "a direção de Carlos Coim-

bra tem o que se pode chamar de artesanato eficiente e metucioso, e é o que se poderia esperar de um cineasta tarimbado que contasse com os recursos excepcionais que lhe deu o produtor Massaini. Os intérpretes, submetidos a faixas limitadas de presença cênica (e isto vale mesmo para Tarcísio Meira e Glória Menezes, que têm as partes de D. Pedro I e da Marquesa de Santos), não podem render além da esperada correção de profissionais conscientes. Como sempre, é de bom nível a rotografia de Rudolf Icsey que reflete o empenho geral pelo produto bem acabado e luxuoso".

### Primeiros históricos

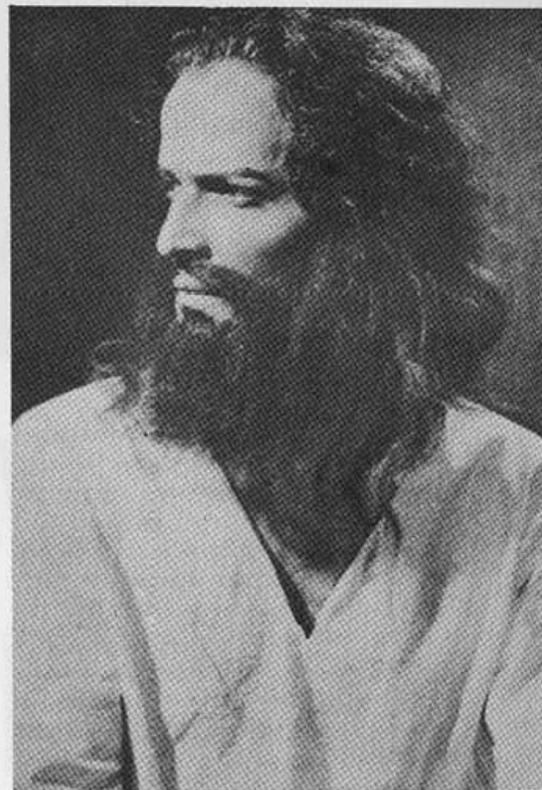
O primeiro documentário de interesse histórico brasileiro apresentado ao público foi exibido a partir de 3 de setembro de 1907 no Cinematógrafo Parisiense: **Recepção a Paul Doumer**, focalizando entre outras personalidades o Barão do Rio Branco. O Teatro Lírico (na época o principal do Rio de Janeiro) passou a funcionar como cinema e tinha até uma equipe de filmagens. Em 13 de outubro do mesmo ano lançou o documentário **Santos Dumont**, que mostrava o grande concurso de balões dirigíveis em disputa à Taça Gordon Bennett (30 de setembro de 1906) pela travessia do Canal da Mancha. No mesmo filme, Santos Dumont exibia minuciosamente o seu novo aeroplano, o 14 Bis.

O primeiro curta-metragem de reconstrução histórica com atores foi **Anita Garibaldi**, estreando em 11 de janeiro de 1908 no Pavilhão Internacional (ex-Paris), no Rio. Conforme era habitual na época, a imprensa não anunciou



O Descobrimento do Brasil, de Humberto Mauro.

## O FILME HISTÓRICO BRASILEIRO



Inconfidência Mineira, de Carmen Santos: Rudolf Mayer.



A Guerra dos Pelados, de Sílvio Back: Átila Iório, Jofre Soares, Dorothee-Marie Bouvier, Emanuel Cavalcânti.

nem os responsáveis pelo filme, nem os nomes dos intérpretes. Em 1908, continuaram a surgir documentários sobre ocorrências da vida nacional, como a **Chegada do Marechal Hermes da Fonseca** filmado por Júlio Ferraz e lançado no cinema Pathé (8 de novembro). Em 1909, o maior destaque coube a **Santos Dumont, Campeão do Mundo**, lançado em 11 de outubro.

Em 1910 surgia um filme com personagens históricos e ação "romanceada": **Revolução Portuguesa**, produção de William Auler, com Santucci interpretando o Marechal Hermes da Fonseca, e João Batista Martins como D. Manuel, Rei de Portugal.

## No cinema falado

Após o advento do som, o primeiro longa-metragem que apresentou trechos de reconstituição histórica foi **Alma do Brasil** (1932), produção de Alexandre Wulfes, dirigida por Líbero Luxardo. Aproveitando as manobras do Exército em Mato Grosso, eles obtiveram a colaboração do comandante, General Klínger, a fim de evocar com grande figuração a Retirada da Laguna. A sequência deste filme, incluída na antologia do INC **Panorama do Cinema Brasileiro**, despertou entusiasmo em muitos espectadores.

Humberto Mauro teve a colaboração de Afonso Taunay, Bernardino José de Souza e Roquete Pinto para realizar em longa-metragem **Descobrimiento do Brasil** (1937), produção do Instituto do Cacau da Bahia. O roteiro se baseou em trechos da carta de Pero Vaz de Caminha. Villa Lobos criou partitura musical especialmente para o filme e

regeu a orquestra. No parecer do crítico Carlos Ortiz, "Humberto Mauro suprimiu alguns dos problemas mais árduos. Boa parte deles, porém, ele os resolveu com extraordinário talento. E isto a tal ponto que o filme conserva, ainda hoje, um alto teor de persuasão, sem uma só falha que se possa insinuar de ridícula. A música e os coros são soberbos destaques, o mesmo acontecendo com a técnica sonora, ruídos e diálogos".

Entre o início e o final das filmagens de **Inconfidência Mineira**, de Carmem Santos, transcorreram 14 anos. As paralisações na produção ocorreram por motivos os mais diversos, alguns tão graves como as limitações financeiras e um incêndio que não atingiu os negativos, mas causou prejuízos e atraso nos trabalhos. Durante aquele extenso período faleceram dois intérpretes de papéis secundários. Todos esses fatores contribuíram para agravar a falta de unidade do filme, que se originava no roteiro. Carmem Santos acumulou as funções de produtora, diretora, roteirista e atriz, alcançando bons momentos de cinema, sem conseguir transmitir a densidade dramática dos fatos históricos. No elenco, esta **Inconfidência Mineira** ganha vulto através da interpretação de Rodolfo Mayer (Tiradentes), sendo também satisfatórias as atuações de Carmem Santos (Bárbara Heliodora), Paulo Porto, Oswaldo Louzada, Roberto Lupo, Floriano Faissal e Roberto Acácio. Entre os pontos fortes do filme figuram a fotografia de Edgar Brasil, a cenografia e os costumes de Watson Macedo.

A participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial serviu de motivo para três filmes de longa-metragem que in-

cluíram cenas documentárias: **A Tomada de Monte Castelo**, de Luiz de Barros (no qual dois regimentos de infantaria tomaram parte em seqüências de reconstituição histórica); **Jornada Gloriosa**, de Alexandre Wulfes; e **Eles Não Voltaram**, de Wilson Silva. No setor do documentário histórico de longa-metragem, Jorge Ileri realizou **O Mundo em que Getúlio Viveu** (1963), e Jurandyr Passos Noronha, **70 Anos de Brasil** (1972), ambos ainda inéditos.

**A Guerra dos Pelados**, de Sílvio Back, (1970), e **Os Inconfidentes**, de Joaquim Pedro de Andrade (1972), adaptações livres de episódios históricos, representam dois prismas bem diversos de abordagem. O primeiro, mesclando realidade e ficção; o segundo procurando uma interpretação pessoal através dos textos dos "Autos da Devassa" e dos versos dos poetas da Inconfidência.

**ACERVO DO INC** — Entre os filmes de interesse histórico que figuram no acervo do Instituto Nacional do Cinema estão o média-metragem **Os Bandeirantes**, de Humberto Mauro e Roquete Pinto (1940); os curtas-metragens **Os Inconfidentes**, de Mauro e Sérgio de Vasconcelos (1936); **O Despertar da Redentora**, **O Barão do Rio Branco** (1944), **Ruy Barbosa** (1949) — todos três de Mauro; **Uma Alegria Selvagem** (Santos Dumont/1966), e **O Esforço de Guerra do Brasil** (1942), ambos de Jurandyr Passos Noronha; **O Brasil na Guerra**, de Jorge Ileri (1969); **Tiradentes**, de Paulo Jorge de Souza (1970); **O Preço do Futuro**, (sobre o Presidente Castelo Branco) de Flávio Tambellini e Valério Andrade (1969).